Trigésima segunda carta

> **Sumário.** Ódio da Revolução contra as peregrinações de La Salette e de Lourdes. — Seus atos. — Seus escritos. — Suas ameaças. — Qual será o resultado da luta. — Traço histórico. — Conclusão.

19 de outubro.

Meu caro Frederico

Quando, sob a forma de um ponto negro, a ave de rapina aparece nas alturas do horizonte, a galinha faz ouvir o grito de alarme e chama os seus pintinhos para debaixo das asas. Assim, no dia do perigo, faz a Santíssima Virgem em favor de seus filhos.

Dóceis à sua voz, vemo-los acorrer aos lugares privilegiados que ela se dignou honrar com a sua presença. Gosta ela, a boa Mãe, de ali manifestar o seu poder por favores particulares e muito frequentemente por retumbantes milagres. Nenhum fato na história é mais antigo nem mais bem estabelecido; daí as peregrinações.

Essa palavra me lembra duas outras que acabam de ser trocadas numa estação de estrada de ferro. Um desses homens que não duvidam de nada, porque não suspeitam de nada, dizia a um peregrino da Santíssima Virgem:

> *Por que ides a Lourdes? Deus e a Santíssima Virgem não estão em toda parte? — Seja, responde o peregrino; a água também está em toda parte. Isso não impede de ir a Bagnères, a Vichy, a Bourbonne e a outros lugares. Por que Aquele que criou aqui e ali fontes salutares para o corpo não teria feito, em certos lugares, fontes de graças para a alma?*

Apoiados na fé dos séculos e convencidos de que a sorte do futuro depende da Santíssima Virgem, nossos católicos da França vão por centenas de milhares a La Salette e a Lourdes. A Revolução irrita-se: sente onde o dardo a fere. Por ocasião do vigésimo sexto aniversário da aparição de Maria sobre um cume dos Alpes, numerosos peregrinos saem de Paris e de vários pontos da França. Chegados a Grenoble, os piedosos viajantes são recebidos com injúrias, sarcasmos, escárnios sacrílegos e até ameaças que degeneram em vias de fato.

Em Nantes, o mesmo escândalo se renova, ainda mais grave, na volta dos peregrinos de Nossa Senhora de Lourdes. Em seu ódio implacável contra a Santíssima Virgem, a Revolução não recua diante de nenhum ato de brutalidade, por mais odioso que seja. Tirar aos católicos o direito de ir e vir; atacá-los em pleno dia, no seio de uma cidade católica; insultar mulheres, crianças e homens inofensivos, decididos a não se defender: tais são os seus gloriosos feitos.

Disse-se com razão:

> *É o pensamento dos sábios que prepara as revoluções, e é o braço do povo que as executa.*

As cenas deploráveis que acabo de lembrar são um fato cuja causa deve ser atribuída aos escritores revolucionários. As ideias comandam os atos; e os atos são da mesma natureza que as ideias.

Queres conhecer as ideias da Revolução sobre as nossas duas grandes peregrinações e sobre os católicos que vão pedir ali a Maria a salvação da França? Escuta os seus jornais. Coro ao citá-los; mas, todos quantos somos, é preciso que saibamos com quem temos de lidar e o que nos preparam.

> *É — diz um deles — com uma repugnância que não procuraremos dissimular que somos chamados a voltar em poucas palavras à questão das peregrinações. Já o dissemos, sentimo-nos um tanto confusos, como franceses, ao ver essa mania, restrita outrora a uma pequena categoria de pobres ignorantes, doentios ou semibárbaros, estender-se atualmente, desenvolver-se, propagar-se como uma epidemia.*

> *Ao ver esses bandos de visionários sulcar a França em todos os sentidos, arrastar-se à procura de uma quimera, pedir a cura de doenças incuráveis a uma hidroterapia de fantasia, ressuscitar a antiga superstição das águas miraculosas, das aparições, enfim ostentar a espantosa pretensão de que trabalham pela regeneração da pátria entregando-se a práticas grosseiramente idólatras, sente-se mais comiseração ainda do que desdém, e pergunta-se com tristeza se uma parte da nação, atarantada por tantos acontecimentos trágicos, não caiu em plena decomposição moral.*[1]

Em seu ódio estúpido e brutal, outro transforma as peregrinações em mascaradas, e os peregrinos em máscaras. Depois acrescenta:

> *É permitido às máscaras correr as ruas quando não é carnaval? Não. Há regulamentos de polícia que expressamente se opõem. Qual era o dever do prefeito de Nantes? Mandar prender essas máscaras. Mandou prender essas máscaras? Não. Faltou, portanto, ao seu dever. Sou da opinião dos clericalhos: o prefeito faltou positivamente ao seu dever.*[2]

Isto não é nada em comparação com a declaração seguinte, dirigida aos católicos.

> *Eis! eis, dizeis, como os republicanos entendem a liberdade! Eis a liberdade que nos reservam!*

> *Ah! Quanto a isso, meus bons amigos, podeis contar com ela. Achais por vezes que as nossas teorias carecem de precisão, de nitidez. Pedis-nos explicações sobre o ponto que nos ocupa neste momento: podemos responder de modo a que já não seja necessário pôr a pergunta. Não, certamente não, a República não tolerará as vossas peregrinações. Peregrinai à vontade, enquanto estais nisso; tomai-as à farta; empanturrai-vos de peregrinações, pois, uma vez na República, não peregrinareis mais.*

«Está claro?»[3]

> *Sim, muito claro; exceto uma pequena reticência que ficou no tubo da pena do escritor e que convém fazer sair. Para isso basta uma pergunta. Uma vez proclamada a vossa República, se os peregrinos de Lourdes e de La Salette, bem como todos nós, católicos da França, que apontais ao desprezo e ao ódio de vossos leitores chamando-nos beatos, clericalhos, safados, patifes, bufões, vulgares, clerigalha, quiséssemos de novo peregrinar, que faríeis?*

> *Meter-nos-íeis na prisão, não é? E, se resistíssemos, assassinar-nos-íeis, como fizeram os vossos pais de 93 e os vossos irmãos de 71, não é? Dizei-o, pois, com franqueza; e que saibamos até o fim a nossa sorte.*

> *Essas tristes linhas não são, meu caro amigo, senão uma fraquíssima amostra do ódio atual da Revolução contra a Santíssima Virgem. Todos os seus jornais estão montados no mesmo diapasão, e os seus atos correspondem aos seus jornais.[4] Daí saem as conclusões seguintes:*

> *1.º Pelo ódio que tem a Maria, a Revolução confessa, apesar dela, que a Rainha do céu tem em suas mãos a sorte do futuro. É assim que os demônios, pela boca dos possessos do Evangelho, proclamavam a divindade de Nosso Senhor;*

> *2.º Que todas as devoções em honra da Santíssima Virgem, o Ângelus como as outras, estão mais do que nunca na ordem do dia;*

> *3.º Que nas grandes demonstrações que têm lugar neste momento, e nas peregrinações em particular, deve-se ver o ato mais inteligente e mais social que se possa imaginar;*

> *4.º Que, entre a afirmação católica e a negação revolucionária; entre os destruidores e os conservadores; entre o céu e o inferno, a luta está empenhada vivamente demais para que não se deva esperar um próximo desenlace.*

> *Qual será ele? Ou a Santíssima Virgem quer salvar a França e, pela França, firmar a Europa em suas antigas bases e abrir à Igreja uma era mais ou menos longa de paz e prosperidade; ou quer, chamando os seus filhos a seus pés, cobri-los com as suas asas maternas, a fim de salvar, nas últimas lutas, o que deve ser salvo.*

> *Num e noutro caso, o que vemos tem por fim preparar: ou nobres vencedores ou nobres VÍTIMAS.*

> *Seja como for o futuro do mundo, pratiquemos com fervor a devoção à Santíssima Virgem, da qual o Ângelus é uma das manifestações mais veneráveis; é preciso acrescentar, e das mais bem apropriadas às necessidades de nosso tempo.*

> *Ó vós, que falais sem cessar de salvar a sociedade, de erguer o operário e o pobre e de extinguir os ódios selvagens que fermentam no coração das multidões, não fareis melhor que o Ângelus. Essa oração, lembrando ao homem o ato mais misericordioso da bondade divina, o ergue apresentando-lhe todas as grandezas de sua eternidade.*

> *Esses operários pregados às suas máquinas, esses lavradores pregados em seus sulcos, esses pastores, essas pobres mulheres, que os distinguiria da madeira, da pedra ou do ferro que trabalham, do boi atrelado ao seu arado ou dos rebanhos que guardam, se não tivessem a certeza de que o Verbo se fez carne para resgatá-los; de que Maria, Mãe de Deus, reza por eles no céu agora e rezará ainda na sua última hora; de que essa última hora, enfim, não será, se eles quiserem, senão a última hora de seus sofrimentos e a primeira de sua felicidade eterna? Para gravar em sua alma essas verdades capitais, desafiamos-vos a citar um raciocínio, um curso, um livro mais eloquente que o Ângelus.*

> *No mais alto grau, essa oração impõe respeito e inspira confiança. É venerável por sua origem tantas vezes secular; é bela de uma beleza divina pelos personagens que a compuseram e pelos mistérios que proclama; é solene pela maneira como se diz: de todas as orações católicas, o Ângelus é a única que deve, por rigor, ser rezada de joelhos e ao majestoso som das trombetas da Igreja militante; é eficaz, todos os séculos cristãos disso deram a prova; é rica pelos favores espirituais que lhe estão ligados.*

> *Deixemos, pois, em sua estúpida indiferença os infelizes que já não têm nem espírito para compreender as maravilhosas magnificências da ordem sobrenatural, nem coração para senti-las: quanto a nós, católicos do século XIX, amemos o Ângelus.*

> *Amemo-lo como o amaram os grandes papas que tanto fizeram para torná-lo popular. Amemo-lo como nossos pais o amavam, como o amaram todos os santos; como o amava são Vicente de Paulo que, em qualquer lugar onde se achasse, mesmo na corte, caía de joelhos ao primeiro som do sino, e sempre o seu exemplo era seguido pela assistência.*

> *Amemo-lo como o amava santa Germana, a pastora de Pibrac, que nem a neve, nem a chuva, nem a lama do caminho podiam deter o ardor, de modo que o primeiro som do sino marcava o lugar de onde a sua oração subia à Rainha das virgens; e, se por vezes a devoção a transportava para fora de si, os anjos do céu guardavam o rebanho.*

> *Amemos o Ângelus como o amava o bem-aventurado Oriol, tão célebre em Barcelona por sua confiança em Maria que as crianças o saudavam: Ave-Maria. Um dia em que atravessava um rio, o Ângelus soou; o bem-aventurado pôs-se de joelhos sobre as águas como se estivesse em terra firme, para grande espanto dos presentes.*

> *Amemos, pois, o Ângelus; amemo-lo pela nossa pobre França; amemo-lo pela Igreja; amemo-lo pelos pecadores; amemo-lo por nós mesmos. Esse amor é uma parte muito integrante da devoção à Santíssima Virgem; e a devoção à Santíssima Virgem é para cada um de nós uma imensa consolação no presente e um penhor seguro de felicidade para o futuro. Como prova do que afirmo, escuta, meu caro Frederico, o traço seguinte, com o qual termino a nossa correspondência.*

> *Estando em Roma, em 1842, tive a felicidade de encontrar um ancião octogenário, que tivera a felicidade infinitamente maior de viver quatro anos com um dos mais ilustres santos de nossa época. Esse santo, que foi canonizado em 1839 e que a Igreja acaba de elevar à categoria de seus doutores, é santo Afonso de Ligório. Podes imaginar se eu estava ávido de ouvir o venerável religioso falar-me do santo, de seus hábitos de vida, de sua amabilidade, de sua alegria e de sua terna devoção à doce Mãe de Deus.*

> *Nunca esquecerei esta palavra consoladora que, aliás, o santo escreveu em suas obras: Amar a Santíssima Virgem é grande sinal de predestinação, e uma graça que Deus só concede aos que quer salvar.*

> *Nada é mais certo; pois a palavra do santo doutor não é senão a tradução da divina promessa posta pela Igreja na boca da Rainha do céu: «Aquêles que me esclarecem, terão a vida eterna:*

Qui elucidant me vitam æternam habebunt. Que felicidade incomparável! Embelezar Maria é gravar na fronte o grande sinal da predestinação. Quanto a mim, meu Deus!, quero tê-lo a todo custo; e com isso descerei audaciosamente à eternidade.

Mas perguntas-me: Que é embelezar a Santíssima Virgem? Que necessidade tem ela de sê-lo? Não é Maria a mais encantadora criatura saída das mãos de Deus? Sem nenhuma dúvida, meu caro amigo. Que é, pois, embelezar Maria? É acrescentar à sua beleza ou à sua glória exterior e puramente acessória. Daí, um embelezamento moral e um embelezamento material.

O primeiro consiste em amar a Santíssima Virgem. Essa palavra diz tudo; pois o amor é ativo e traduz-se em obras. Amar a Santíssima Virgem é pensar nela, celebrar as suas festas com alegria, frequentar os seus altares, trazer as suas librés, associar-se aos que a honram, mostrar-se fiel às doces práticas pelas quais a piedade católica lhe testemunha a sua confiança filial e, tanto quanto a fraqueza humana o permite, imitá-la em seu horror do mal e de todo mal, em seu amor do bem e de todo bem, em sua ternura por Nosso Senhor, seu divino Filho, em sua compaixão pelos pecadores, em sua modéstia, sua paciência, seu desapego das coisas perecíveis.

Fazer isso e, se se pode, fazê-lo fazer aos outros é amar a Santíssima Virgem.

O segundo consiste no zelo por seu culto exterior. Manter, ornar, enriquecer os seus altares e santuários; não recuar para isso nem diante da fadiga nem diante da despesa. Apesar da indiferença de uns e da hostilidade de outros, perseverar nessas disposições é embelezar Maria; por conseguinte, gravar na fronte o selo dos eleitos e ter a consoladora certeza de possuir uma graça que Deus dá somente aos que quer salvar. *«Aquêles que me esclarecem, terão a vida eterna»*: *Qui elucidant me vitam æternam habebunt.*

Deixo-te, meu caro amigo, nesse pensamento, o último de nossa última correspondência. Sim, a última, pois para mim se faz tarde e o dia já declina: *«he já tarde, e está o dia na sua declinação»*: *Advesperascit, et inclinata est jam dies.*

Que a tua fidelidade ao Ângelus seja a recompensa de meu trabalho e o penhor de tua felicidade!

Todo teu.

Notas

[1] *La République française*, jornal de Gambetta.

[2] *Le Corsaire*.

[3] *Le Corsaire*.

[4] Em 22 de outubro deste ano de 1872, a Revolução convocava às urnas eleitorais os seus afiliados, e seis deputados vermelhos davam a sua resposta às peregrinações. Em Paris, na noite de Todos os Santos, no momento em que os católicos se reuniam nas igrejas para rezar pelos mortos, a Revolução abria de par em par as portas de seus teatros. Tudo o que lhe pertence, de perto ou de longe, ali se precipitou. Por confissão de seus jornais, nunca se vira tal multidão. Cinco teatros apenas arrecadaram 33.887 fr. 10 c. Nova resposta da Revolução.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:43 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:43 by Admin